
A MORTE COMO TRANSFORMAÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE *DOM QUIXOTE* E A *ÉTICA* DE ESPINOSA

Giselle Cristina Gonçalves Migliari**

Resumo: Miguel de Cervantes (1547-1616), no último capítulo de sua obra *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, retrata o falecimento de seu protagonista, decorrente de uma profunda tristeza. O cavaleiro, depois de vencido, sente-se obrigado a retornar ao seu povoado e a renunciar à cavalaria andante, o que lhe causa a transformação de sua realidade e de seu estado mental - da loucura à cordura -, além do seu direcionamento à morte. Assim como faz Cervantes no início do século XVII, Espinosa (1632-1677), ao final do mesmo século, também parece estabelecer analogias entre as ideias de transformação e morte, ao apontar, em sua *Ética*, a relação entre a natureza do ser e sua proporção de movimento e repouso, responsável pelas inconstâncias humanas. A partir de tais considerações, este trabalho pretende aproximar o último capítulo da obra *Dom Quixote* à proposição 39 da Quarta Parte da *Ética* espinosana, de forma a ressaltar as devidas semelhanças entre o conceito de morte como transformação, retratado tanto pelo escritor espanhol quanto pelo filósofo holandês, uma vez que a morte, para ambos, demonstra estar vinculada à mesma ideia.

Palavras-chave: Miguel de Cervantes; Espinosa; *Dom Quixote*; Morte; Transformação.

“Como las cosas humanas no sean eternas, yendo siempre en declinación de sus principios hasta llegar a su último fin” (Cervantes 5, p.1099), Miguel de Cervantes (1547-1616), no último capítulo de *Dom Quixote*, retrata a morte de seu protagonista. A personagem cervantina, após ser derrotada pelo Cavaleiro da Branca Lua no capítulo LXIV da obra de 1615, opta por cumprir, honradamente, com a exigência imposta pelo

* Graduanda do Departamento de Filosofia da USP.

vencedor: voltar ao seu povoado de La Mancha e renunciar à cavalaria andante. Seu retorno, no entanto, não o transforma somente em um jubilado paladino, mas lhe proporciona a negação de uma personalidade cavaleiresca, o auto-reconhecimento de si como o fidalgo Alonso Quijano e o recobrimento de sua cordura. Não obstante, este conjunto metamorfofísico, aparentemente singular à personagem, parece ser a causa de seu falecimento no final da narrativa.

A filosofia do século XVII, mais precisamente a obra de Baruch de Espinosa (1632-1677), parece desenredar a suposta contradição presente na narrativa de Cervantes, estabelecendo analogias entre as ideias de transformação e morte. Em sua obra intitulada *Ética*, Espinosa trabalha os conceitos de bondade e maldade, perfeito e imperfeito - “tesis de la metafísica de las costumbres” (Bennet 3, p.13) -, e demonstra como tais temas não possuem relação inerente com o mundo. Além disso, explica questões como a existência de Deus, a natureza e a potência da mente humana e dos afetos. Em meio a estes conceitos, o filósofo também estabelece relação entre a natureza do ser e sua proporção de movimento e repouso, responsável por possíveis transformações humanas, corporais e essenciais. A partir de tais considerações, o presente trabalho objetiva aproximar o último capítulo da obra *Dom Quixote de La Mancha* à proposição 39 da Quarta Parte da *Ética* espinosana, de modo a sobrelevar as devidas similitudes entre o conceito de morte como transformação, retratado tanto pelo escritor espanhol, Miguel de Cervantes, no início do século XVII, como pelo filósofo holandês, Baruch de Espinosa, no final do mesmo século.

O porvir do engenhoso Dom Quixote de La Mancha

Considerado o primeiro romance moderno¹ e dividido em duas partes - a primeira, publicada em 1605, e a segunda, em 1615 -, *Dom Quixote*

narra a história do fidalgo manchego Alonso Quijano, um aficionado das obras de cavalaria. Segundo a voz do narrador, em consequência “del poco dormir y del mucho leer, se le secó el cerebro [ao fidalgo] de manera que vino a perder el juicio” (Cervantes 5, p.29-30). Imerso em uma suposta insanidade, devido às inúmeras leituras de entretenimento vinculadas ao deleite e desprovidas de valor didático,² Alonso Quijano imagina-se um valoroso cavaleiro, capaz de “enderezar tuertos” e “deshacer agravios”, de forma similar ao que ocorria nas páginas de *Amadís de Gaula*, *Don Belianís de Grécia* ou em *Palmerín de Inglaterra*.³

En efeto, rematado ya su juicio, vino a dar en el más extraño pensamiento que jamás dio loco en el mundo, y fue que le pareció conveniente y necesario, así para el aumento de su honra como para el servicio de su república, hacerse caballero andante y irse por todo el mundo con sus armas y caballo a buscar las aventuras y a ejercitarse en todo aquello que él había leído que los caballeros andantes se ejercitaban, deshaciendo todo género de agravio y poniéndose en ocasiones y peligros donde, acabándolos, cobrase eterno nombre y fama. Imaginábase el pobre ya coronado por el valor de su brazo, por lo menos del imperio de Trapisonda; y así, con estos tan agradables pensamientos, llevado del extraño gusto que en ellos sentía, se dio priesa a poner en efeto lo que deseaba. (Cervantes 5, p.30-31)

Cervantes desenreda o porvir de seu protagonista, anunciado desde o prólogo da Segunda parte da obra, nos capítulos finais da publicação de 1615. Antes, porém, descreve inúmeras batalhas e aventuras desafortunadas do cavaleiro de La Mancha, engendradas, em grande parte, pela própria imaginação de Dom Quixote. Este, no desenlace da obra, converte-se em perdedor da forjada luta em Barcelona contra o Cavaleiro da Branca Lua, ou o “bachiller” Sansón Carrasco, que se traveste de cavaleiro andante na tentativa

de promover a retirada do fidalgo por um ano das atividades cavaleirescas e seu retorno à casa. Sobre isso, Eduardo Castillo comenta que:

La vuelta de don Quijote a la razón [...] empezó en Barcelona, en el instante en que fue vencido – él, el invicto – por el contrahecho Caballero de la Blanca Luna, y con la imposibilidad de tomar armas en un año, que resultara de ese vencimiento. Cuán triste es el retorno del hidalgo a su aldea, esa aldea gris y tediosa que Cervantes se abstuvo de nombrar en su libro para no inmortalizarla. Maltraído, mohino y con el alma llena de infinito desánimo, va el caballero al lento paso de su rocín, tan viejo y cansado como su dueño. (Castillo 4, p.1243)

Dom Quixote, a partir de sua derrota, desfalece-se, sofrendo de calenturas que o deixam seis dias acamado, “ya fuese de la melancolía que le causaba el verse vencido o ya por la disposición del cielo, que así lo ordenaba” (Cervantes 5, p.1099). Diante de seu estado, o médico orienta o cuidado com a alma do enfermo, uma vez que seu corpo já se mostra irreversivelmente comprometido. Enfermo, acamado e vivenciando seus últimos momentos de vida, o vencido cavaleiro manifesta-se, anunciando uma sensatez, em detrimento da até então loucura que o atingia:

—¡Bendito sea el poderoso Dios, que tanto bien me ha hecho! En fin, sus misericordias no tienen límite, ni las abrevian ni impiden los pecados de los hombres. [...] Yo tengo juicio ya libre y claro, sin las sombras caliginosas de la ignorancia que sobre él me pusieron mi amarga y continua leyenda de los detestables libros de las caballerías. Ya conozco sus disparates y sus embelecós, y no me pesa sino que este desengaño ha llegado tan tarde, que no me deja tiempo para hacer alguna recompensa leyendo otros que sean luz del alma. Yo me siento, sobrina, a punto de

muerte: quería hacerla de tal modo, que diese a entender que no había sido mi vida tan mala, que dejase renombre de loco; que, puesto que lo he sido, no quería confirmar esta verdad en mi muerte. [...] Dadme albricias, buenos señores, de que ya yo no soy don Quijote de la Mancha, sino Alonso Quijano, a quien mis costumbres me dieron renombre de “bueno”. Ya soy enemigo de Amadís de Gaula y de toda la infinita caterva de su linaje; ya me son odiosas todas las historias profanas de la andante caballería; ya conozco mi necedad y el peligro en que me pusieron haberlas leído; ya, por misericordia de Dios escarmentando en cabeza propia, las abomino. (Cervantes 5, 1100-1101)

O Cavaleiro da Triste Figura, ou dos Leões - epítetos quixotescos que surgem no decorrer da obra – declara, ao final de sua história, a reconquista da consciência. Sentindo-se com o juízo “libre y claro” e a poucos passos da morte, considera seus anteriormente estimados livros de cavalarias leituras desprezíveis. Ressente-se, além disso, pela imagem de louco que alimentou até aquele momento e assume abominar as histórias de *Amadís* e de outros similares. Segundo as palavras do eclesiástico, seu amigo, “verdaderamente se muere y verdaderamente está cuerdo Alonso Quijano el Bueno” (Cervantes 5, p.1100-1101), ideia que parece unificar a transformação da personagem em um homem lúcido à sua morte.

***Ética* espinosana e narrativa cervantina: relação entre transformação e morte**

De acordo com a *Ética* de Espinosa, o corpo e a mente podem ser afetados de várias maneiras, o que lhes propicia um aumento ou uma diminuição da potência de agir e pensar: “Se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir do nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou

diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente” (Spinoza 11, p.106). No caso da personagem de Cervantes, a sua mente mostra-se afetada por histórias de cavalarias, responsáveis por lhe proporcionar uma maior potência de agir e pensar e por converter Alonso Quijano em um cavaleiro andante. Os livros de cavalarias demonstram oferecer à mente do fidalgo a possibilidade de imaginar os elementos cavaleirescos que figuram em suas páginas e de substituir a realidade pela fantasia. Espinosa complementa que “a mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo” (Spinoza 11, p.108), sendo estas, relacionadas à leitura de entretenimento, o que mais incentiva a potência de atuação de Dom Quixote.

Durante todo o tempo em que o corpo humano estiver afetado de uma maneira que envolva a natureza de algum corpo exterior, a mente humana considerará esse corpo como presente e, conseqüentemente, durante todo o tempo em que a mente humana considerar um corpo exterior como presente, isto é, durante o tempo em que o imaginar, o corpo humano estará afetado de uma maneira que envolve a natureza desse corpo exterior. E, portanto, durante todo o tempo em que a mente imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir de nosso corpo, o corpo estará afetado de maneiras que aumentam ou estimulam sua potência de agir e, conseqüentemente, durante esse tempo, a potência de pensar da mente é aumentada ou estimulada. Logo, a mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar essas coisas. (Spinoza 11, p.108)

A identidade do cavaleiro de La Mancha parece contribuir para a alegria da personagem Alonso Quijano. Segundo o filósofo seiscentista, a alegria, “uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior” (Spinoza 11, p.108), compõe o grupo dos afetos primitivos, juntamente com a tristeza e o desejo. É esta “passagem do homem de uma perfeição

menor para uma maior” (Spinoza 11, p.141) que responde pelo aumento da potência do *conatus* da personagem; em outras palavras, pelo incremento do desejo de preservação do cavaleiro.⁴ Dom Quixote não faz uso de sua razão para se transformar em um cavaleiro; se assim fosse, não escolheria sê-lo, já que não existem cavaleiros andantes em seu entorno. Não é a racionalidade (afeto ativo) que empurra Dom Quixote em direção ao mundo cavaleiresco, mas sua imaginação (afeto passivo).⁵ Esta não responde por qualquer alteração na coerência de seu pensamento; para o “louco lúcido” (Vieira 12), a imaginação parece reforçar suas ideias, tidas como adequadas, pelo protagonista cervantino, e como inadequadas, por aqueles que o circundam.⁶

A personagem de Cervantes passa por uma primeira transformação: converte-se de Alonso Quijano em Dom Quixote no início da narrativa. Esta metamorfose inicial pode ser, em certo sentido, interpretada como a primeira morte do protagonista: Alonso Quijano morre, deixando, em seu lugar, Dom Quixote. No entanto, a passagem da vida para a morte, aqui ressaltada, parece assegurar alegria ao Cavaleiro da Triste Figura, aumentando, com isso, sua potência de agir. E, por proporcionar alegria e ampliar sua potência, a primeira transformação da personagem poderia se conectar muito mais ao nascer do que, propriamente, ao morrer:

Eso es nacer. Nazco cuando una infinidad de partes extensivas están determinadas desde afuera para el encuentro con otras partes que entraron en una relación que es la mía, que me caracteriza. En ese momento, tengo una relación con un cierto tiempo y un cierto lugar”. (Deleuze 8, p.139)

Contudo, o afeto da alegria passa a ser substituído, ao final da narrativa, pelo da tristeza, devido ao fracasso ou à impotência⁷ de Dom Quixote e à obrigação moral que sente o paladino em ter que abandonar

a cavalaria andante. Definida como “a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor” (Spinoza 11, p.134), a tristeza acomete o protagonista quando este percebe que aquilo que mais ama – atuar como um cavaleiro andante, desfazendo “tuertos” e injustiças – é desfeito, uma vez que, explica Espinosa, “quem imagina que aquilo que ama é destruído se entristecerá...” (Spinoza 11, p.134).

A mente se esforça, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo, isto é, aquelas coisas que ama. Ora, a imaginação é estimulada por aquilo que põe a existência da coisa e, inversamente, é refreada por aquilo que a exclui. Portanto, as imagens das coisas que põem a existência da coisa amada estimulam o esforço pelo qual a mente se esforça por imaginá-la, isto é, afetam a mente de alegria. E, inversamente, as coisas que excluem a existência da coisa amada refreiam esse esforço da mente, isto é, afetam a mente de tristeza. (Spinoza 11, p.113)

O filósofo explica que a tristeza contribui para a diminuição da potência de agir do homem, ou seja, do “esforço pelo qual o homem se esforça por preservar em seu ser. Portanto, ela é contrária a esse esforço; e tudo pelo qual se esforça o homem afetado de tristeza é por afastá-la” (Spinoza 11, p.123). No caso de Dom Quixote, a derrota sofrida na batalha contra o Cavaleiro da Branca Lua obriga-o a se distanciar da cavalaria andante por, no mínimo, um ano. Não há como lutar contra esta determinação, uma vez que a honra cavaleiresca, o principal valor de um cavaleiro, está em jogo. O que resta, para Dom Quixote, é escolher entre a antiga vida de Alonso Quijano, “un hidalgo de los de lanza en astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor” (Cervantes 5, p.27), ou abdicar desta.

Diante da impossibilidade de viver como um cavaleiro andante, Dom Quixote adocece, melancólico; recobra sua sanidade mental e, concomitantemente, opta pela retomada de sua antiga identidade fidalga. Ambos estados mostram-se vinculados: saúde, loucura e fantasia; doença, sensatez e realidade. Não é apenas a tristeza que acomete a personagem, mas a tristeza integral ou a melancolia: “Fue el parecer del médico que melancolías y desabrimientos le acababan” (Cervantes 5, p.1099). Trata-se de uma nova transformação, de Dom Quixote em Alonso Quijano e, paralelamente, uma mudança da loucura e vida para a cordura e morte:

—¡Ay! — respondió Sancho llorando —. No se muera vuestra merced, señor mío, sino tome mi consejo y viva muchos años, porque la mayor locura que puede hacer un hombre en esta vida es dejarse morir sin más ni más, sin que nadie le mate ni otras manos le acaben que las de la melancolía.

Em sua *Ética*, Espinosa concebe a ideia, ilustrada anos antes nas páginas cervantinas, de transformação como morte. Na Parte IV de sua obra,⁸ mais precisamente no escólio relacionado à proposição 39, o filósofo aponta:

[...] deve-se observar, entretanto, que compreendo que a morte do corpo sobrevém quando suas partes se dispõem de uma maneira tal que adquirem, entre si, outra proporção entre movimento e repouso. Pois não ousa negar que o corpo humano, ainda que mantenha a circulação sanguínea e outras coisas, em função das quais se julga que ele ainda vive, pode, não obstante, ter sua natureza transformada em outra inteiramente diferente da sua. Com efeito, nenhuma razão me obriga a afirmar que o corpo não morre a não ser quando se transforma em cadáver. Na verdade, a própria experiência parece sugerir o contrário. Pois ocorre que um homem passa, às vezes, por transformações tais que não seria fácil dizer que ele é o mesmo. (Spinoza 11, p.184)

Se pensarmos nas diversas partes que compõem um corpo, é possível conceber a ideia de sobrevivência conectada ao movimento e ao repouso como algo mais fisiológico e anatômico; é preciso que haja esta harmonia proporcional entre o movimento e o repouso das partes para garantir a organização e o funcionamento do corpo. Não obstante, faz-se possível transladar o mesmo conceito de funcionamento do corpo para a personagem de Cervantes. As partes do corpo em perfeita harmonia, no que se refere à proporção de movimento e repouso, vinculam-se à personagem Dom Quixote de La Mancha. Já o desequilíbrio fisiológico é simbolizado por Alonso Quijano. A atuação como um cavaleiro andante, aparentemente demente, é o que garante a harmonia corporal necessária e a ação de Dom Quixote. O contrário, entretanto, desestabiliza esta relação e o transfigura. Não por acaso o título do livro de Cervantes traz *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*, com o intuito de demonstrar a essência do protagonista: “ingenium”, em um sentido de “temperamento o el ‘natural’ de un individuo”, “las cualidades del espíritu por oposición a las del cuerpo”, “el genio”, “las capacidades creadoras que desbordan al entendimiento solo” etc.⁹ A natureza de tal ser parece estar conectada à sua versão quixotesca, e não “alonsoquijanesca”.¹⁰ E a transformação que ocorre a Dom Quixote, essas transformações pelas quais o homem, segundo Espinosa, às vezes passa e que o obriga a abandonar sua natureza, não se diferencia de sua própria morte.

Isto é o que parece ocorrer ao protagonista cervantino. Dom Quixote morre no momento em que deixa de atuar como um cavaleiro andante, na praia, em Barcelona. Deixa de viver no instante em que se vê obrigado a abnegar o que acredita ser um princípio de vida, que consiste em lutar pelos necessitados e pela justiça sob os valores da cavalaria andante. Morre quando perde a loucura que lhe assegura agir como cavaleiro e quando adquire a sanidade, que lhe empurra a uma realidade que não lhe condiz:

aquela que existe fora dos livros, da imaginação e, conseqüentemente, que não representa a sua natureza. Gilles Deleuze explica o significado de morte para Espinosa: “quiere decir que las partes que me pertenecen bajo tal o cual relación están determinadas desde afuera a entrar bajo otra relación que no me caracteriza, sino que caracteriza a otra cosa” (Deleuze 8, p.134). Voltar a atuar como o fidalgo Quijano, distante do modelo cavaleiresco de vida descrito nos livros de *Amadís*, não parece caracterizar o Cavaleiro de La Mancha. Tal atuação altera a proporção entre movimento e repouso – “esas alteraciones en el espacio que pueden conceptualizarse, un nivel más arriba, como movimiento de las cosas en el espacio” -,¹¹ modificando o corpo a ponto de amortecê-lo. De acordo com Espinosa,

[...] aquilo que faz com que as partes do corpo humano adquiram, entre si, outra proporção entre movimento e repouso, também faz com que esse corpo assuma outra forma; isto é, faz com que o corpo humano seja destruído e, conseqüentemente, que se torne inteiramente incapaz de poder ser afetado de muitas maneiras; e é, portanto, mau. (Spinoza 11, p.183)

Dessa forma, o filósofo admite não ser necessário diagnosticar a morte, considerando os sinais vitais do corpo, para reconhecê-la. Esta se revela no momento em que há uma transformação, em que existe uma mudança proporcional relacionada ao movimento e ao repouso do corpo, adulterando, assim, sua natureza. Para Pierre-François Moreau, “cada individuo está determinado por una cierta proporción de movimiento y reposo. Esta proporción podría ser entendida por un entendimiento infinito, que dominase el sistema de todas las leyes por las que un individuo complejo está constituido”. Em outras palavras, trata-se dos “rasgos del espíritu” do ser.¹² Cervantes opta por ilustrar a transformação da personagem, ou a

alteração dos traços de seu espírito, que ocorre desde o fim da batalha em Barcelona, com o falecimento de Alonso Quijano. Alonso não é o mesmo depois da luta contra o Cavaleiro da Branca Lua e do compromisso que aceita de abandonar a cavalaria andante. “Tal como ouvi contarem de um poeta espanhol, que fora atingido por uma doença e que, embora dela tenha se curado, esquece-se, entretanto, de tal forma da sua vida passada que acreditava que não eram suas as comédias e tragédias que havia escrito” (Spinoza 11, p.184), exemplifica Espinosa, a partir de um comentário que apresenta identificações com Cervantes e com suas criações.

Considerações finais

A morte, tanto para o escritor espanhol, quanto para o filósofo, está vinculada à ideia de transformação. Para Cervantes, a transformação de Dom Quixote em Alonso Quijano é o que impede a personagem de continuar viva, já que modifica sua natureza e extingue sua vontade de existir. Dom Quixote, afetado passivamente pelas histórias de cavalarias, perde sua potência ao apresentar sua natureza cavaleiresca modificada à de fidalgo.¹³ Como afirma Iris Zavala, “a Don Quijote lo mueve el deseo, es el deseo en acto; y no cede... el ceder lleva al melancólico *Caballero* a la muerte” (Zavala 13, p.8). Para Espinosa, neste mesmo sentido, a mente é refreada no momento em que perde aquilo que ama e, conseqüentemente, é afetada por tristeza (Spinoza 11, p.112). Tal afeto é capaz de reprimir a potência de existir do ser (*conatus*) (Spinoza 11, p.123) e, “quando a mente imagina sua impotência, ela se entristece” (Spinoza 11, p.134). De maneira similar ao que ocorre na obra cervantina, a metamorfose concebida por Espinosa representa o próprio exílio, pois a essência do ser - “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por preservar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual” (Spinoza 11, p.105) - altera-se, de modo a impedir que

o indivíduo anterior à transformação e posterior a ela sejam identificados como o mesmo. Cervantes e Espinosa, assim, parecem compartilhar de um pensamento similar, seguramente propício em sua época e contextos. Neste sentido, entende-se que não somente a filosofia se apresenta à ficção, mas que literatura, a partir de um poder influenciador e determinante que transpassa os limites livrescos atua, em certa medida, para a constituição do pensamento filosófico. Pelo caminho da transformação e morte, chega-se ao fim a história do engenhoso fidalgo Dom Quixote, que falece por não conseguir “afirmar sus propios ideales, el propio proyecto, frente a la realidad”.¹⁴ E, chega-se ao fim, aqui, este trabalho.

En fin, llegó el último de don Quijote, después de recibidos todos los sacramentos y después de haber abominado con muchas y eficaces razones de los libros de caballerías. Hallóse el escribano presente y dijo que nunca había leído en ningún libro de caballerías que algún caballero andante hubiese muerto en su lecho tan sosegadamente y tan cristiano como don Quijote; el cual, entre compasiones y lágrimas de los que allí se hallaron, dio su espíritu, quiero decir que se murió. Viendo lo cual el cura, pidió al escribano le diese por testimonio como Alonso Quijano el Bueno, llamado comúnmente “don Quijote de la Mancha”, había pasado desta presente vida y muerto naturalmente; y que el tal testimonio pedía para quitar la ocasión de que algún otro autor que Cide Hamete Benengeli le resucitase falsamente y hiciese inacabables historias de sus hazañas. (Cervantes 5, p.1104)

DEATH AS A TRANSFORMATION: AN APPROACH BETWEEN *DON QUIXOTE* AND SPINOZA'S *ETHICS*

Abstract: Miguel de Cervantes (1547-1616), in the last chapter of his book *Don Quixote*, describes the death of his protagonist caused by the character's profound sadness. The knight, after being defeated, feels obliged to return to their village and renounce

chivalry. The regression for him causes a deep transformation of his reality and his mental state - the sanity of madness – beyond his approximation to his own eternal rest. As Cervantes, the same turning point is seen in Spinoza (1632-1677) at the end of the century. By analogies with transformation and death, the philosopher emphasizes in his Ethics the relationship between the nature of being and its proportion of motion and rest, responsible for human metamorphoses. Based on these considerations, this paper intends to point out the last chapter of the work Don Quixote in connection with the 39th proposition, Part IV of the Ethics written by Spinoza. Similarities involving the concept of death as transformation have been highlighted in both the Spanish writer and the Dutch thinker, since death for both is intimately related.

Keywords: Miguel de Cervantes; Spinoza; Don Quixote; Death; Transformation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ALADRO, J. La muerte de Alonso Quijano, un adiós literario. *Anales cervantinos*. Vol. XXXVII. CSIC, 2005, pp. 179-190. Disponível em: <http://analescervantinos.revistas.csic.es/index.php/analescervantinos/issue/view/5>. Acesso em: 05/07/2012.
2. BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
3. BENNETT, J. *Un estudio de la Ética de Spinoza*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
4. CASTILLO, E. La muerte de Don Quijote. *Senderos*. Revista de la Biblioteca Nacional de Colombia. Volume 9. Número 33. Biblioteca Nacional de Colombia, 1998, pp. 1240-1243. Disponível em: <http://www.bibliotecanacional.gov.co/revistas/index.php/senderos/article/view/496> Acesso em: 02/07/2012.
5. CERVANTES, M. *Don Quijote de La Mancha*. Edición del IV Centenario. Real Academia Española. São Paulo: Prol Gráfica, 2004.
6. CERVANTES, M. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*. Barcelona: Instituto Cervantes / Crítica, 1998. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/clasicos/quijote/edicion/parte2/cap74/nota_cap_74.htm. Acesso em: 02/07/2012.
7. CHAÚÍ, M. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
8. DELEUZE, D. *En medio de Spinoza*. Buenos Aires: Cactus, 2006.

9. DOMÍNGUEZ, A. *Spinoza y España: actas del Congreso Internacional sobre “Relaciones entre Spinoza y España”*. Cuenca: Universidad Castilla-La Mancha, 1994.
10. RAMOS-ALARCÓN MARCÍN, L. *El concepto de ingenium en la obra de Spinoza: análisis ontológico, epistemológico, ético y político*. Tese de doutorado. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2008.
11. SPINOZA, B. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
12. VIEIRA, M. A. da C. Louco lúcido: Dom Quixote e o Cavaleiro do Verde Gabão. *Revista USP*. Número 67. São Paulo: USP, 2005, pp.282-293.
13. ZAVALA, I. M. Don Quijote y el deseo: Cervantes y Espinoza. Disponível em: <http://www.letrapixel.com/blog/author/iris-m-zavala>. Acesso em: 05/07/2012.

NOTAS:

1. Walter Benjamin comenta, em “O Narrador”, que “se o modelo perfeito mais remoto do romance é o Dom Quixote, talvez o mais recente seja Education Sentimentale”. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. 2, p. 68.
2. A literatura considerada superior, no século XVII, respeitava o preceito horaciano de deleitar e ensinar, conjuntamente. No caso dos livros de cavalarias, eram obras vistas como inferiores, inverossímeis e, por isso, consideradas vulgares. Cervantes demonstra a escassez artística da obra pela loucura de um assíduo leitor deste gênero literário.
3. De acordo com, Bruce W. Wardropper “al comienzo de la novela, Alonso Quijano, de cuyo nombre no querían acordarse sus vecinos, enloqueció; la historia de DQ es la de un loco; es preciso, pues, que termine con la recuperación de su juicio y... de la identidad subsumida en el nombre Alonso Quijano el Bueno.”. In: CERVANTES 6.
4. Marilena Chauí explica que “*conatus* é o esforço que uma coisa singular realiza para permanecer no seu ser (no corpo, são os movimentos ou afecções internos e externos; na mente, o esforço para conhecer; os dois esforços são inseparáveis e constituem a essência atual de um ser humano)”. In: CHAÚÍ 7, p. 340.
5. De certa forma, trata-se de uma personagem impotente para regular seus afetos; são eles, ao contrário, que o determinam. Espinosa denomina tal situação como “servidão”, já que “o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que

perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior”. In: SPINOZA 11, p. 155.

6. “Por ideia adequada compreendo uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira” (SPINOZA 11, p. 51). Marilena Chauí explica que “uma *ideia inadequada* é uma imagem que a mente forma sobre seu corpo e sobre os corpos exteriores interpretando as afecções corporais. Isso significa que a mente conhece seu corpo através das imagens da ação de outros corpos sobre ele e conhece estes últimos pelas imagens das ações de seu corpo sobre eles; portanto, não conhece verdadeiramente as causas dessas ações nem conhece a essência de seu corpo próprio e as dos corpos exteriores, nem a sua própria essência. Uma *ideia adequada* é um conceito que, a partir de si mesma e de sua força inata para pensar, a mente forma de seu corpo e de corpos exteriores, bem como de si mesma conhecendo a causa ou razão necessária da essência e existência dele e de si mesma, e as causas necessárias das essências e existências dos corpos exteriores, bem como as causas das relações e conexões necessárias entre seu corpo e os corpos exteriores e entre estes últimos na ordem necessária da Natureza”. (CHAUÍ 7, p. 340-341).

7. “Quando a mente imagina sua impotência, por isso mesmo, ela se entristece”. (SPINOZA 11, p. 134).

8. Marilena Chauí aponta que, na Parte IV da *Ética*, “há um vaivém incessante entre paixão e ação, imaginação e razão, ação e paixão, razão e imaginação”, informação que se relaciona à personagem cervantina e seu estado entre razão e imaginação. (CHAUÍ 7, p. 202).

9. MOREAU, P. F. Spinoza y Huarte de San Juan. In DOMÍNGUEZ 9, p. 157.

De acordo com Luis Ramos-Alarcón Marcín, “Autores como Huarte de San Juan¹⁶, Vives, Gracián y Cervantes lo utilizan como «[...] asidero de su reflexión sobre la diferencia individual»¹⁷, en donde expresa la capacidad productiva y creativa innata del ser humano que le permite tener una segunda naturaleza, es decir, transformar lo dado y superarlo. Como veremos a continuación, el concepto spinoziano aprovecha este sentido pero, en lugar de que el origen identificado por el ingenio esté en la naturaleza, estará en la costumbre con la que ha sido afectado un cuerpo humano en particular.” (RAMOS-ALARCÓN MARCÍN 10, p. 68).

10. “Spinoza está incontestablemente más próximo a la tradición de Huarte [de San Juan]. En éste, la noción de *ingenio* interviene para explicar por qué, siendo así que todas las almas son iguales, los individuos y las naciones tienen capacidades tan diversas, tanto para el saber como para las actividades prácticas. La diversidad

de los ingenios se asienta, a su vez, en la de las disposiciones del cuerpo – es decir, de las maneras irreducibles en que la Naturaleza ha aplicado sus propias leyes en cada individuo singular. Lo que en Huarte remite a la mezcla de los cuatro humores, supone, en Spinoza, una ecuación en términos de reposo y movimiento”. (MOREAU, P. F. *Op. cit.*, In DOMÍNGUEZ 9, p. 158).

11. Segundo Jonathan Bennett, a frase de Espinosa “la misma proporción de movimiento y reposo” é abstrata e pouco determinada: “él sostiene que los conceptos de movimiento y de reposo generan toda la diversidad en el mundo extenso. Conforme a determinada interpretación, esto puede ser correcto; conforme a otra, puede no serlo”. (BENNETT 3, p. 112-114).

12. MOREAU, P. F. Spinoza y Huarte de San Juan. In DOMÍNGUEZ 9, p. 158.

13. Como afirma Deleuze, “siendo que usted ha tenido en la mayoría de su existencia ideas inadecuadas y afectos pasivos, lo que muere cuando usted muere es, relativamente, la mayor parte de usted mismo; proporcionalmente, muere su parte más grande”. (DELEUZE 8, p. 145). “Una vez más, ¿qué es la muerte? Es el hecho que Spinoza llamará necesario en el sentido inevitable de que las partes que me pertenecen bajo una de mis relaciones características dejen de pertenecerme y entren bajo otra relación que caracteriza a otros cuerpos. Es inevitable en virtud de la ley de la existencia misma. Una esencia encontrará siempre, bajo las condiciones de existencia, otra más fuerte que destruye la pertenencia de las partes extensivas a la primera esencia.” (*Ibidem*, p. 141).

14. RODRÍGUEZ PANIAGUA, J. M. Spinoza y las “Meditaciones del Quijote” de Ortega y Gasset. In DOMÍNGUEZ 9, p. 283.